

## SER-AÍ E O ALCANCE DO SEU SER-TODO: A MORTE ENQUANTO PROBLEMA

Amanda Victória Milke Ferraz De Carvalho<sup>1</sup>

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como tema a possibilidade da apreensão do ser-todo da existência no contexto de *Ser e Tempo* (1927), do filósofo Martin Heidegger. Esta obra projeta recolocar a questão pelo sentido de ser dos entes em geral, programa filosófico ao qual Heidegger nomeia *ontologia fundamental*. Entretanto, para recolocar tal questão de maneira suficiente, faz-se necessário analisar o ente que já sempre compreende ser, sendo este o ser-aí e essa análise, a *analítica existencial*. Esse, que se confunde com nossa própria situação existencial (ser-aí), é um ente finito com seus diversos modos de ser e sua estrutura múltipla e, com isso, surge a pergunta: é possível apreender totalmente a estrutura de um ente com essa variedade existencial? Nesse momento, o problema do ser-todo é tematizado enquanto o todo estrutural, a qual a angústia e o cuidado vêm à tona. O todo estrutural, portanto, é garantido com o cuidado, entretanto, o cuidado com sua indicação formal de *antecipar-a-si-mesmo* resguarda um caráter de pendência, uma vez que sempre há algo que o ser-aí, *ainda não é*. Existiria, pois, algum momento em que o ser-aí é todo? Que ele se encontra em seu todo? Ao encontrar os seus todos, ser-aí se depara com a aniquilação do seu ser, com a morte. Sendo, pois, o fenômeno da morte um problema para a apreensão do ser-todo. Tendo isso em vista, a questão dessa comunicação se expressa nos seguintes termos: *Qual o papel desempenhado pelo fenômeno da morte na analítica existencial?* Encontramos meios para responder esta questão em *Ser e Tempo*, especialmente em seu §39. Sendo tema adiantado no tempo da obra, dependemos de, para adequadamente tematizar o que é focado, compreender certos recortes de conceitos específicos; assim, entre nossos objetivos, estão: a) Entender e assimilar a conjunção dos seguintes conceitos: ser-aí, compreensão, ser-no-mundo e cotidianidade mediana; b) Analisar o problema do ser-todo conjugando os conceitos anteriores e seguindo em frente para apontar e falar sobre o cuidado e o fenômeno da morte. Assim, o que se espera é alcançar a ligação desses conceitos e como eles se ligam e guiam para o problema do ser-todo e a tematização do fenômeno da morte em *Ser e Tempo*. Com esse caráter introdutório e amplo, esse trabalho tem a metodologia exploratória e bibliográfica, onde são utilizadas de diferentes traduções da obra selecionada e de intérpretes. Apreender todos esses conceitos é primordial para a introdução do problema do ser-todo, e posteriormente, o entendimento do conceito de ser-para-a-morte, justificando o

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia - Licenciatura. UNIOESTE -Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Toledo. E-mail: mandamilke@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Associado do curso de Filosofia da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Toledo. E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com.

teor amplo dessa pesquisa e exibindo outro objetivo tencionado pela pesquisadora.

**Palavras-chave:** Cuidado. Morte. Ser-todo. Finitude. Heidegger.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o problema da possibilidade da apreensão do ser-todo da existência, presente na obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927, de Martin Heidegger. Dito de modo breve: essa obra se propõe a recolocar a questão pelo sentido de ser dos entes em geral. Essa proposta é nomeada pelo filósofo de *ontologia fundamental*. Entretanto, para recolocar essa questão apropriadamente é necessário analisar o ente que compreende o ser dos entes, a fim de clarificar e explicitar justamente essa compreensão. Conseguir apreender o ser desse ente que compreende significa ser capaz de recolocar a questão do sentido de ser dos entes em geral. Esse ente que necessita ser explicitado em sua estrutura é o ser-aí, ente que nós todos somos, sua análise dele tem como nome *analítica existencial*.

Nesse trabalho buscarei responder a seguinte pergunta a partir de recortes temáticos da obra: *Qual o papel desempenhado pelo fenômeno da morte na analítica existencial?* Para alcançar tal objetivo, tenho em vista dois objetivos: i) Explicar os seguintes conceitos em suas interações: ser-aí, ser-no-mundo, compreensão (poder-ser, possibilidade); ii) o problema do ser-todo e poder-ser-todo, cuidado e morte.

### 1 SER-AÍ E SER-NO-MUNDO

Esse título explicita algo que o intérprete Marco Casanova escreveu no volume 1 de *Mundo e Historicidade*, cito Casanova (2017, p. 165): “[...] *Ser e Tempo* é um livro simples, trata de um fenômeno e duas estruturas: existência e facticidade que nunca estão sozinhas e nem isoladas”. Enunciar ser-aí é enunciar ser-no-mundo desde o princípio, uma vez que não nos tornamos ser-aí tomando conhecimento

justamente disso. Inversamente: ao nos darmos conta disso, concomitantemente vem à tona que é constitutivo que existimos em um mundo. Heidegger diz: a existência é sempre e a cada vez minha, e tenho de assumi-la tal como ela já se encontra dada no mundo. Precisamente essa ideia expressa o que Heidegger chama de ser-no-mundo.

Mas o que é ser-no-mundo? Olhando para essa formulação, Heidegger nos entrega os seguintes dizeres acerca disso, cito Heidegger (2012a, p. 53):

A expressão composta 'ser-no-mundo' já mostra em sua configuração que com ela é visado um fenômeno *unitário*. Esse dado primário deve ser visto como um todo. [...]. Se o examinarmos, mantendo firme a prévia consideração do fenômeno em seu todo, é possível distinguir:

1. O 'em-o-mundo': em relação a esse momento põe-se a tarefa de interrogar a estrutura ontológica do 'mundo' e determinar a ideia da *mundanidade* como tal (cf. terceiro capítulo desta seção).
2. O *ente* que é cada vez no modo do ser-em-o-mundo. Com ele se busca o que é perguntado no 'quem?'. Mostrando fenomenologicamente, deve-se chegar a determinar quem é no modo da mediana cotidianidade do Dasein (quarto capítulo desta seção).
3. O *ser-em* como tal; a constituição ontológica do ser-em ele mesmo deve ser posta à mostra (cf. quinto capítulo desta seção).

Na formulação dessa estrutura, portanto, enxergamos três momentos que unitariamente acontecem sempre e são separados conceitualmente para fins de explicitação e apreensão. São eles: 1) o ser do ente que é ao modo do existir, o ser-aí, interrogado pelo "quem" ao invés do "que" 2) ser-em: indica que esse ente que todos nós somos não é primeiramente em uma espécie de limbo onde se dá conta de que é, e depois passar a ser-no-mundo. Ser-aí já sempre é seu "aí". Esse "aí" de modo igualmente originário é estruturado pela afetividade, compreensão e linguagem. 3) o fenômeno do mundo, que, tendo o modo de ser do ser-aí, também não é um ente que possamos constatar e dizer "que é", mas se refere ao "aí", ao "quem".

Ser-no-mundo significa a unidade desses três momentos. Heidegger em *Ser e Tempo* se ocupa em explorar cada um desses momentos em seus detalhes. Entretanto, para os fins dessa comunicação, colocarei em foco o momento do ser-em, especificamente no fenômeno da compreensão, para chegar ao objetivo desse

trabalho, a saber: descobrir o lugar do fenômeno da morte na analítica existencial. Veremos que no primeiro momento a morte se apresenta como um problema, no sentido de se apresentar como um aparente impasse, que poderia colocar a análise em cheque.

## 2 O FENÔMENO DA COMPREENSÃO

Na definição de existência, ainda não entregue, convenientemente para ditar o tom dessa apresentação, nos vem de encontro uma pista para o fenômeno da compreensão. A determinação essencial do ser-aí, a existência, é tematizada no § 4 de *Ser e Tempo*. Podemos interpretá-la pelo que Heidegger nos esboça, da seguinte forma: entre outras coisas, no existir o ser-aí compreende ser, o ser de si mesmo e dos demais entes que ele próprio não é. Adiante, no § 9, ainda é dito: existir significa ter de assumir esse próprio ser, ser de tal modo que seu ser está sempre em jogo, ser em toda e a cada vez, em cada ocasião. O modo como esse ente assume seu ser se oferece de início pela compreensão da cotidianidade mediana.

Pois bem, parte do que constitui existir é essa compreensão de ser. Em toda e a cada relação com entes, sempre se conta com ela. No fulcro do fenômeno da compreensão encontramos o poder-ser. Cito Heidegger: “Na compreensão reside existencialmente o poder-ser, modo de ser do ser-aí” (HEIDEGGER, 2012b, p. 143). Poder-ser significa: possibilidade de ser. Há duas descrições negativas para o ser-possível: 1) ser-possível não diz respeito ao possível linguístico, do que não podemos ou podemos dizer e 2) ser-possível não diz respeito ao possível da lógica ligada ao que é não necessário ou não efetivado. Poder-ser significa que na existência temos de assumir possibilidades nossas, nos apropriar delas. No entanto, a possibilidade de apropriar-se delas não é algo que vez ou outra podemos ou não assumir. Se assumir ou negar possibilidades pontuais, no cotidiano médio, já são possibilidades, então o ser-aí nunca está sem possibilidades. No entanto, temos de distinguir: ser-aí significa: a cada vez, ser pura possibilidade, ser expressão de pura possibilidade de ser, deixando de lado as possibilidades pontuais e medianas. Essa possibilidade de apropriar-se de possibilidades cotidianas é impositiva e

determinante para o ser-aí. Para interpretar a possibilidade, o poder-ser precisa ser introduzido nessa explicação (HEIDEGGER, 2012b, p. 144).

Concluimos que nosso ser-aí nunca se encontra sem poder ser suas possibilidades. Entretanto, essas possibilidades que ser-aí sempre assume ou nega com o seu poder-ser constitutivo não são arbitrárias, não são indefinidas no sentido de que ser-aí pode ser, literalmente, qualquer coisa: poder-ser significa sempre poder-ser-no-mundo, assim como ser-aí, significa sempre ser-no-mundo. As possibilidades a serem assumidas ou negadas se delimitam pela vida fática; pelo mundo ser esse elemento constitutivo do ser-aí, ele tem de assumir suas possibilidades de ser, independentemente de como as assume, as negando ou as aceitando. Aquilo a que devemos nos atentar é que o poder-ser e suas possibilidades enquanto constitutivas da existencialidade do ser-aí não estão aí de vez em quando, elas são originárias e não devem ser confundidas com as possibilidades fáticas que assumimos ou negamos, pelo contrário, elas as possibilitam. O ser-aí, enquanto ser-no-mundo, tem a responsabilidade de ser, deve e já sempre é, sendo. E dizer que ser-aí é pura possibilidade de ser não remonta uma arbitrariedade, visto que as possibilidades estão delimitadas de certa forma por um âmbito. cito Casanova (2017, p. 172): “[...] ser-aí precisa primeiro se determinar a partir do campo de sentido que abre as suas possibilidades existenciárias próprias, para que ele possa conquistar a si mesmo sendo tais possibilidades”.

Nisso o filósofo nos diz que nosso ser-aí é ente de compreensão. E isso agora significa: ele é pura possibilidade de ser, poder-ser; possibilidades que são sempre lançadas, projetadas em direção ao mundo e a todo ente que faz parte dele. O ser-aí nesse projetar coloca em jogo seu ser, assumindo-o ou negando-o. Com o poder-ser podemos, finalmente, entender o que seria projeto e projetar. Interpretamos que quando Heidegger diz que o projeto é constitutivo do compreender, ele quer mostrar que o ser-aí se encontra lançado em possibilidades e pode lançá-las para si mesmo. O problema do poder-ser-todo onde o fenômeno da morte aparece pela primeira vez em Ser e Tempo, conecta-se com o projeto e esse caráter projetivo que está vinculado intimamente com compreender enquanto poder-ser.

### 3 O PROBLEMA DO SER-TODO E PODER-SER-TODO

Podemos dividir o problema do ser-todo em dois momentos de desenvolvimento onde um desencadeia o outro, a saber: i) o ser-todo e ii) o poder-ser-todo que tem a ver com o fenômeno do compreender e seu caráter projetivo. O primeiro momento, como problema do ser-todo, primeiramente surge devido a variedade fenomenal estrutural do ser-aí.

A possibilidade da apreensão do ser-todo aparece a partir do seguinte questionamento: É possível apreender o ser-aí em seu todo, sendo esse ente com múltiplas estruturas na sua existencialidade? O ser-no-mundo indica essa multiplicidade, como visto anteriormente. O que garante a unidade do todo estrutural que o ser-aí é? Melhor formulada: será que essas estruturas, que o determinam cada uma ao seu modo, podem ser reconduzidas a um modo de determinar, isto é, a um fenômeno determinante?

Heidegger encontra no fenômeno do cuidado essa resposta. O cuidado realmente garante a apreensão do todo *estrutural* desse ente. Entretanto, com essa resposta, surge o problema do poder-ser-todo devido a formulação dada ao cuidado. O cuidado é a unidade desse todo estrutural, a essência da existência, mas será que ela garante mesmo a *apreensão* desse ser-todo? Analisemos sua estrutura completa: *antecipar-a-si-mesmo-no-já-ser-no-mundo-enquanto-ser-junto-a*. Aqui vemos o ser-aí exposto em seu todo estrutural, todas as partes abordadas como parte da sua existencialidade estão indicadas formalmente: ocupação, preocupação, poder-ser, mundo e si mesmo. Elas são, no entanto, redirecionadas ao "antecipar". O "antecipar-a-si" se encontra vinculado ao poder-ser. O caráter projetivo desse ente existente já resguarda em si o caráter de antecipar. Ele lança para si, antecipando, suas possibilidades. Mas isso significa, como diz Heidegger, que esse ente precisa sempre ter uma possibilidade que ele ainda não é. Ele precisa ser pendente.

E assim, com a definição que temos no momento, se mostra o aparente impasse: enquanto ser-aí existir ele ainda não é algo, ele sempre *antecipa-a-si*

mesmo e, assim, ele não alcança seu todo. De cara podemos pensar que na possibilidade de apreensão do todo estrutural seria dada uma maneira de sair dessa pendência. Só assim, então, poderíamos apreender ao menos uma vez o ser-aí em seu todo e poder avançar na analítica existencial. Sair dessa pendência, porém, significaria literalmente não existir.

Diz Heidegger (2012a, p. 236):

Tão logo o ser-aí 'exista', de tal modo que nela [a morte] nada mais esteja de forma alguma pendente, ela também já se tornou um com o não-mais-ser-aí. Retirar-lhe o que há de pendente significa aniquilar o seu ser. Enquanto o ser-aí é um ente, ela jamais alcançou seus 'todos'. Caso chegue a conquistá-los, o ganho se converterá pura e simplesmente em perda do ser-no-mundo. Assim, nunca mais se poderá fazer a sua experiência *como um ente*.

Parece que apreender nosso ser-todo exige que "já não sejamos mais aí"; não se compreende mais ser, o existir é aniquilado, nosso ser-aí não mais existe, deixa de projetar-se. Quando não se tem mais nada de pendente, quando nosso ser-aí não tem mais algo que falta, um "ainda não", apenas então dizemos: morreu-se. Sendo assim, esse ente que todos nós somos e que já sempre conta com uma compreensão de ser, ao se movimentar e se comportar com os entes, conta, também, com a impreterível e insolúvel problema da finitude: o morrer enquanto deixar de viver, o morrer biológico.

No entanto, esse problema insolúvel do ponto de vista ôntico, não procede como um impasse incontornável do ponto de vista ontológico. O ser-aí não morre biologicamente, porque nunca vive, mas existe. O problema da morte em *Ser e tempo* está em desvencilhar o significado de morte dos significados cotidianos que se pautam nos entes simplesmente dados "no" mundo e construir um conceito existencial de morte.

## CONCLUSÃO

A morte tem lugar na analítica existencial primeiramente enquanto problema. Afinal, ela é algo que acontece com o ente interrogado e não se tem como ignorar algo como a finitude. Em *Ser e Tempo*, como evocado no título dessa comunicação,

a morte primeiramente aparece como um problema, figurada na aparentemente impossibilidade de apreender o ser-todo, no caso, poder-ser-todo.

Contudo, o filósofo, ao se deparar com essa barreira bastante sólida, toma uma outra posição e torna a morte um caminho. Mais à frente em sua obra, abre-se um caminho de investigação, que será seguido por mim enquanto pesquisadora que supera o “problema da morte”. Não, isso não significa que nos tornaremos imortais ao ler *Ser e Tempo*, mas apenas que a morte existencial não significará o deixar de viver.

Para Heidegger, a morte indica a finitude da compreensão de ser, é parte constitutiva do ser-aí. No conceito existencial de morte ele diz que o ser-aí é um ser-*para-o-fim* ou ser-para-morte. Assim, a morte se torna um caminho para a apreensão do ser-todo, não como um truque esperto metodológico, mas sim como a descrição do que já sempre acontece, interrogando o ente e como ele já sempre é, toda e a cada vez.

## REFERÊNCIAS

CASANOVA, Marco Antonio. *Mundo e Historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7 ed. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Traduzido por Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012b.